



# Dossiê

# Zulmiro

# de

# Carvalho

doi: 10.20396/visuais.v11i2.21007

---

**António Fernando Silva**

Portugal. Professor Coordenador Unidade Técnico Científica de Artes Visuais - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Especialista em Artes – Politécnico do Porto (2014). Mestrado em História da Arte (FLUP). Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura. Escola Superior de Belas-Artes do Porto (1991) [afsilva@ese.ipp.pt](mailto:afsilva@ese.ipp.pt)

**Maria de Fátima Lambert**

Portugal. Doutora em Filosofia Moderna e Contemporânea/Estética, Faculdade de Filosofia de Braga/Universidade Católica Portuguesa: *Fundamentos Filosóficos da Estética em Almada Negreiros*. Professora Coordenadora em *Estética e Educação* - Escola Superior de Educação/Politécnico do Porto. [flambert@ese.ipp.pt](mailto:flambert@ese.ipp.pt)

---

## Dossiê Zulmiro de Carvalho

A

origem deste Dossiê dedicado a Zulmiro de Carvalho - figura maior da escultura portuguesa - nasce de um gesto simultaneamente simples e profundo, o reconhecimento público de uma obra e o reencontro de uma comunidade com um dos seus. A inauguração do *Pórtico do Rio*, concebido pelo escultor para as comemorações dos 100 anos do Clube Naval Infante D. Henrique, gerou uma onda partilhas nas redes sociais. Entre os muitos comentários que circularam, destacou-se o do Professor Mauricius Farina, editor da *Revista Visuais*, cujo elogio ao escultor foi o ponto de partida para uma conversa que rapidamente se transformou em projeto editorial. A minha resposta, sugerindo a possibilidade de escrever um artigo sobre a obra, em parceria com um colega, encontrou eco imediato em Mauricius Farina, que generosamente ampliou o horizonte, propondo que o texto se tornasse o núcleo de um Dossiê, convidando-nos a abrir espaço a outros autores. Assim começou esta viagem. Digo *viagem* com intenção. Desde criança que estou ligado ao Clube Naval Infante D. Henrique, como atleta e agora como dirigente, instituição da qual Zulmiro de Carvalho é também associado, mantendo com o Clube uma relação de afecto que acompanha a sua própria biografia — nasceu muito perto, cresceu junto ao rio, e o convite para a criação de uma escultura remonta já a 2008. Só agora, porém, houve condições para que o projeto se concretizasse, significativamente quando o centenário do Clube. O tempo certo encontra sempre a sua forma. *Para todas as coisas há um tempo* e este foi tempo de lançar o *pão sobre as águas*.

A obra de Zulmiro devolve-nos a consciência de que o rio não acaba onde julgamos que termina. Como canta Chico Buarque em *Fado Tropical*, “*E o rio Amazonas / que corre trás-os-montes / e numa pororoca / desagua no Tejo*”, também o Douro não termina na Foz, no Porto. Navega o oceano. Liga mundos. Estende-se para lá de si. É esta continuidade primordial das águas, sempre ancestrais, sempre em movimento, que torna o *Pórtico do Rio* uma peça tão profundamente certa para este momento em que a obra se inscreve na paisagem, no rio e, agora, através dele, no largo oceano.

Não é por acaso que Zulmiro recorre, na memória descritiva da escultura, às palavras de outro artista que viveu junto ao Douro e que manteve igualmente uma relação de afecto com o Clube: Júlio Resende. Resende escreve:

O Douro não é um qualquer rio! Aceitaríamos mesmo o risco ao afirmar que é um rio possuidor de uma 'alma' muito própria. Das entranhas da penedia ele vê a luz e descontraidamente se avoluma num canto de louvor à pureza. (...) Entre a acalmia paradisíaca e os tormentos do Inferno, aquele é o seu destino. acrescentando: "Um rio para quem o merecer! Que estejamos todos à sua altura."

Estas palavras, convocadas por Zulmiro na apresentação da sua obra, ressoam como a chave poética que orienta este Dossiê. Se o Douro exige merecimento, também a obra de Zulmiro exige atenção, precisão, disponibilidade interior. A escultura, como o rio, não se oferece num único olhar, mas exige travessia.

E, assim, eu e a Fátima Lambert, convidámos colegas para esta "viagem" editorial - porque, para navegar, convidam-se os mais capazes. Assim, cada um dos autores aqui reunidos propõe-se olhar a obra de Zulmiro com a profundidade que ela merece. É esta pluralidade de olhares, enraizada numa experiência comum de admiração e respeito, que estrutura as páginas que se seguem.

## §

Eis, como vejo, penso os itinerários de António Fernando Silva, José Guilherme Abreu, Laura Castro, Ricardo Reis, Samuel Rama e, também o meu, Fátima Lambert, a cumprirem a "viagem editorial". Atravessam territórios diferenciadores que, de forma convicta, avançam compreensões-apropriações estéticas pessoalizadas. Todavia, o magno denominador comum consiste na obra de Zulmiro pensada, sentida, percecionada, vista, tocada, refletida numa espiral que se acredita interminável e lúcida. Os caminhos da escrita, tomados como um fluxo, sem margens restritivas, perpassam na presença firmada na contemporaneidade. As visões, entendimentos e obras que foram selecionadas por cada autor denotam as suas áreas dominantes de investigação ou cruzam saberes e vivências.

Sobre a génese do volume *per se*, desenvolve-se um constructo eivado de intenção e firmeza. Assim, o artigo de **António Fernando Silva**, escultor e pintor, assemelha-se à combinatória capaz de harmonizar a *tekné* que pensa e a poética que acredita nas missões humanistas. Eis o que se desprende desse texto intitulado “Zulmiro de Carvalho e o Sentido Organizador do Mundo”. O mundo que, afinal, não parece ser pesado de carregar. A leveza antagónica reside na capacidade de equilibrar o peso da matéria da escultura como todo, convergindo na unidade.

**José Guilherme Abreu**, mapeia a escultura de Zulmiro de Carvalho, instalada em espaço público, organizando-nos um percurso cronológico pelo território, assinalando os eixos de coerência que lhe reconhecemos. Viaja-se, efetivamente, nas suas palavras que nos narram as implantações urbanas e ambientais, a consciência virtuosa dos volumes e das estruturas que ondeiam e se afirmam, consoante os projetos. A análise de JG Abreu, ao equacionar a presença das peças, colabora com o autor e proporciona-nos experiências quase presenciais.

**Laura Castro** reitera em “Zulmiro de Carvalho: as obras exemplares”, quanto, e com que excelsa condição, estas se alçam no espaço cruzado pelo tempo inapreendido e permanecem, desafiando gerações e tempestades sociais. Em contexto de interior e em posse exterior, as esculturas cumprem propósitos expositivos. A escolha de Laura Castro flui, sem dilacerar presenças, medos ou efemérides. A subtileza e, simultaneamente, a firmeza e objetividade com que nos apresenta o caminho de Zulmiro de Carvalho, diversifica-se e, contudo, reergue-se numa coerência de excelência.

**Ricardo Reis**, “Transmutar a Matéria e o Silêncio: a escultura de Zulmiro de Carvalho atravessada pelas palavras de Herberto Helder” é um exemplo significativo de narrativas intermediais. O autor regimenta um fluxo poético, pautando-se por referências que potenciam a artisticidade convergente à escultura de Zulmiro de Carvalho. O *eidós* silente, vivo na criação de Herberto Helder, possui analogia a certo estoicismo preambular que se vê no tridimensional. Os fragmentos de *Photomaton & Vox*, plasmam afinidade na quietude espacializada que se expande além de certa suspensão [de existência] partilhada.

**Samuel Rama** focou-se na obra realizada em 1986 para as Caldas da Rainha, sob égide do título “Sete Afirmações | Sete Tentativas”: desenrolou um ensaio luminoso, assumindo com o maior rigor a sua abordagem. A “poética do limpo”, como assinala o autor (também escultor), contextualiza-se a partir de uma história de vida que, em genuinidade e exigência, se cumpriu sempre - em ato, pensamento e criação a brotarem em consentaneidade austera, depurada. A conciliação entre matéria, percepção e subsistência artística são tópicos identificados, num encadeamento lógico, desde a génese até à receção estética do público.

**Fátima Lambert** empreendeu um relato-itinerário historiográfico e curatorial da obra de Zulmiro de Carvalho, inscrevendo-a nos processos de renovação da escultura portuguesa do último quartel do século XX e até à atualidade. Partindo de uma reflexão sobre a pluralidade do tempo e a dissolução de narrativas lineares, analisa a emergência da escultura abstrata e minimalista em Portugal, em articulação à formação internacional desta notável geração de artistas. A afirmação da sua obra é um referencial estruturante da escultura contemporânea portuguesa, projetando-se entrepares e além-fronteiras.

Finalmente, atenda-se ao histórico do “networking” académico e artístico vivido na ESE-P. PORTO, desde os primeiros anos do presente século. As colaborações e intercâmbios têm percorrido as décadas, trazendo e levando contributos significativos para uma formação de estudantes-pessoas que privilegiem sinergias e experiências fora de perspetivas exclusivamente eurocêntricas. É vasta a rede de artistas e pensadores brasileiros que têm visitado e, em alguns casos, permanecido durante largos meses no Politécnico. Por outro lado, em termos de publicações científicas e de projetos curatoriais, tomou-se como missão dar a conhecer a excelência das obras e dos pensamentos “do outro lado do oceano”. Algumas publicações têm incidido sobre casos paradigmáticos de autores e artistas portugueses, aliás, bem acarinhados no Brasil. Mas, trata-se da primeira ocasião em que temos oportunidade de dedicar um número temático a tão insigne artista contemporâneo português. Esteja-se, pois, atento nas leituras, construam-se as pontes mentais do tempo e da georreferenciação que Zulmiro nos permite ampliar e consolidar.

Por tudo isto, este Dossiê é mais do que um conjunto de textos académicos: é uma justa homenagem a um grande artista português, cujo trabalho está no mundo e merece

verdadeiramente ser conhecido no mundo. Agradecemos ao Mauricius Farina, que transformou um comentário na semente de um projeto maior. E agradecemos a todos os que encontraram tempo, na falta de tempo que a tempestade de afazeres profissionais impõe, para embarcar connosco nesta travessia.

Que estejamos à altura do rio e à altura da obra de Zulmiro de Carvalho.

António Fernando Silva

Fátima Lambert

### **Os autores deste Dossiê**

Este Dossiê reúne contributos de investigadores, críticos e artistas cuja experiência académica e prática assegura a pluralidade e profundidade com que se pretende abordar a obra de Zulmiro de Carvalho. Participam neste volume:

### **Coordenadores do Dossiê**

**António Fernando Silva** — Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Especialista em Artes (título atribuído pelo Politécnico do Porto), Mestre em História da Arte (Escultura Contemporânea) pela FLUP e Licenciado em Artes Plásticas – Pintura pela ESBAP. Artista com atividade expositiva desde 1988 e investigador nas áreas de Arte Contemporânea e Educação Artística.

**Maria de Fátima Lambert** — Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Doutorada em Filosofia Moderna e Contemporânea/Estética (UCP), integra o InED – Centro de Investigação e Inovação em Educação, conselhos científicos e editoriais nacionais e internacionais, tendo vasta produção no campo da estética, arte contemporânea e educação artística. É membro da AICA e curadora independente.

page

### **Autores Convidados (ordem alfabética)**

**José Guilherme Abreu** — Doutor em História da Arte Contemporânea, com especialização em Arte Pública. Investigador integrado do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (CITAR) da Universidade Católica Portuguesa, onde coordena a Rede de Informação, Investigação e Intervenção de Arte Pública (R3iAP). Atualmente dedica-se integralmente à investigação.

**Laura Castro** — Diretora Regional de Cultura do Norte. Mestre em História da Arte (FLUP) e Doutorada em Arte e Design pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. O seu percurso inclui docência e investigação na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, que dirigiu entre 2013 e 2017. Foi investigadora no CITAR e é membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e da Associação Portuguesa de Historiadores de Arte (APHA).

**Ricardo A. P. Reis** — Assistente Convidado na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto e Professor no Ensino Secundário. Licenciado em História da Arte e Mestre em História da Arte Portuguesa (FLUP), desenvolve investigação no domínio da arte contemporânea e da didáctica da História da Arte.

**Samuel Rama** — Artista plástico e docente na ESAD.CR do Politécnico de Leiria Licenciado em Artes Plásticas pela ESAD.CR.  
Doutoramento pela Universidade Politécnica de Valência. Investigador do LIDA - Laboratório de Investigação em Design e Artes.  
Expõe individual e coletivamente desde 2003.